



**A MAPOTECA DOS BALSEMÃO: NOTAS SOBRE A FORMAÇÃO DA
MAPOTECA A PARTIR DAS VIVÊNCIAS DE LUÍS PINTO DE SOUSA
COUTINHO, O VISCONDE DE BALSEMÃO**

**THE BALSEMÃO'S MAPS LIBRARY: NOTES ON THE MAP COLLECTION
FORMATION BASED ON LUÍS PÍNTO DE SOUSA COUTINHO EXPERIENCES**

Resumo: No início do século XIX, a biblioteca privada da família Balsemão era uma das maiores de Portugal, estima-se que chegou a possuir cerca de 12.000 volumes. A biblioteca incluía não apenas livros e manuscritos, mas também muitos mapas, atlas e cartas topográficas. Neste artigo pretendemos discutir, especificamente, sobre o contexto histórico de formação da mapoteca do 1º Visconde de Balsemão, Luís Pinto de Sousa Coutinho. Ele montou uma extensa coleção composta por mapas, cartas, planos e atlas que adquiriu durante sua carreira como governador, diplomata e ministro. Esses mapas foram importantes ferramentas de trabalho, utilizadas para conhecer e delimitar territórios, planejar ações de governança e acompanhar eventos políticos. Portanto, a análise sobre a constituição da mapoteca pode nos fornecer importantes elementos sobre os interesses e o trabalho geopolítico de Balsemão.

Carmem Rodrigues

Doutora em História – UFMG

carmemmarquesrod@gmail.com

Palavras-chave: Colecionismo. Livraria. Mapoteca. Visconde de Balsemão.

Abstract: At the beginning of the 19th century, the Balsemão family's private library was one of the largest in Portugal, with an estimated 12,000 volumes. The library included not only books and manuscripts, but also many maps, atlases and topographical charts. In this article we intend to discuss, specifically, the historical context of the formation of the map library of the 1st Viscount of Balsemão, Luís Pinto de Sousa Coutinho. He assembled an extensive collection made up of maps, charts, plans and atlases that he acquired during his career as governor, diplomat and minister. These maps were important working tools, used to know and delimit territories, plan governance actions and monitor political events. Therefore, the analysis of the constitution of the map library can provide us with important elements about Balsemão's interests and geopolitical work.

Keywords: Collection. Library. Map Library. Viscount of Balsemão.

DOI: <https://doi.org/10.4013/rlah.2023.1.21>

1 Introdução

Na manhã gelada do dia 29 de Março de 1809, as tropas francesas do Marechal Nicolas Jean de Dieu Soult (1769-1851) invadiram a cidade do Porto. A resistência organizada pelos portugueses levantou barricadas e trincheiras nas principais ruas, distribuiu bocas de fogo em diversas frentes, organizou postos avançados de observação e linhas defensivas no entorno da cidade e na ponte da Barca, que ligava o Porto a Vila Nova de Gaia, atravessando o rio Douro. Porém o grosso da tropa era composto por civis, que, sem experiência no verdadeiro combate, sucumbiram rapidamente ao ataque francês. “Ao fim da tarde, quando a cidade já se encontrava conquistada, Soult condescende[u] que o Porto fosse entregue ao saque, terminando o mesmo a 1 de Abril” (Alves et al, 2016, p. 25).

O Palacete dos Viscondes de Balsemão (Figura 1) foi um dos alvos do feroz ataque. Ali se abrigava a Livraria dos Balsemão, uma das maiores bibliotecas privadas de Portugal no início do século XIX. Após a morte do 1º Visconde, em 1804, seu filho primogênito transferiu a coleção para sua residência na cidade do Porto e o palacete passou, então, a ser conhecido pelo título nobiliárquico da família.

Amante das Letras e das Ciências como seu pai, o 2º Visconde não só aumentou a Biblioteca, como franqueou “quotidianamente ao público a sua grande e selecta livraria” (Costa, 2012, p. 141), abrindo “as portas da fantástica Biblioteca do palacete onde vivia, no Porto, a todos aqueles que pretendessem consultar o que lá existia – foi a primeira vez que tal gesto se verificou” (Leite, 2015, p. 317).

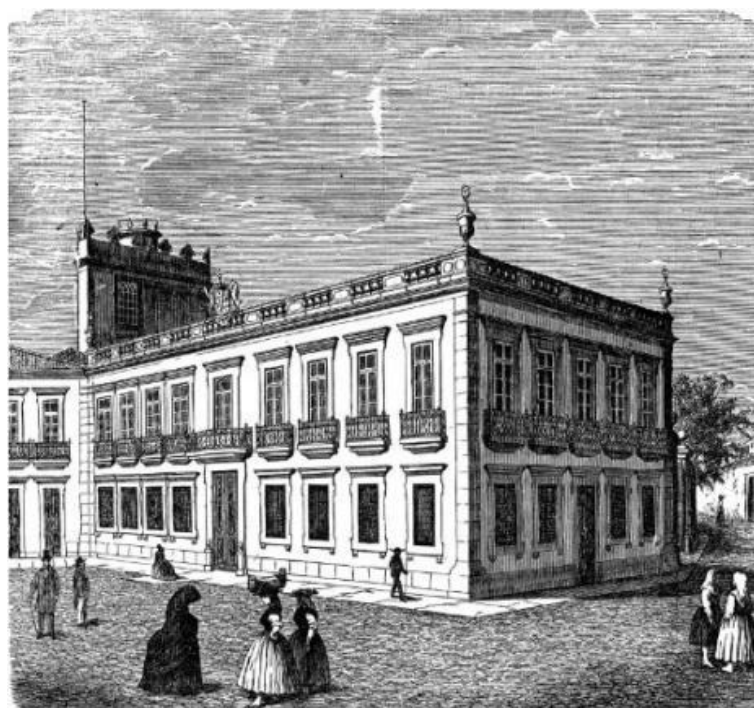
O saque francês foi extremamente devastador para a coleção. Em 1822, Adriano Balbi (1782-1848) afirmou, em sua obra *Essai statistique sur le royaume de Portugal et d'Algarve* (1822), que “a biblioteca do Visconde de Balsemão, que, antes do saque sofrido durante a primeira invasão dos franceses, tinha 12.000 volumes, agora se encontra[va] reduzida a 5.000” (Balbi, 1822, p. 91). A pilhagem não afetou somente a coleção de livros, manuscritos e mapas, também atingiu a coleção de objetos de Ciências Naturais. Aparentemente, o geógrafo italiano obteve essas informações diretamente do 2º Visconde, que lhe contou a história da coleção e sobre seus interesses nas Ciências.

Todavia, esse foi apenas o primeiro revés sofrido pela Biblioteca. As primeiras décadas do século XIX foram conturbadas para Portugal, que se viu mergulhado em invasões estrangeiras e revoltas internas. Alguns dos mais importantes embates políticos daquele período aconteceram na cidade do Porto, o que consequentemente acabou atingindo a família Balsemão e sua coleção. O acirramento da disputa entre constitucionalistas e absolutistas levou à eclosão da Guerra Civil (1828-1834), e partidário da causa miguelista, o 2º Visconde teve que abandonar o Porto quando as tropas liberais conquistaram a cidade. A Livraria da família foi

oficialmente sequestrada em 12 de dezembro de 1832 (...), formal e finalmente inventariada e avaliada em 16 de julho. Na semana anterior, em 9 de julho de 1833, em pleno Cerco do Porto e na data do primeiro aniversário da entrada do exército libertador na cidade, D. Pedro instituía por decreto a Real Biblioteca Pública da Cidade do Porto (Costa, 2012, p. 144).

O que restou da famosa coleção dos Balsemão deixou de ser domínio privado e passou a integrar a nova rede de Bibliotecas Públicas que fazia parte do projeto cultural da Monarquia Constitucional (1820-1910).

Figura 1: Vista do Palácio do Visconde de Balsemão, desenho de Carlos Alberto Nogueira da Silva, Archivo Pittoresco, 1861

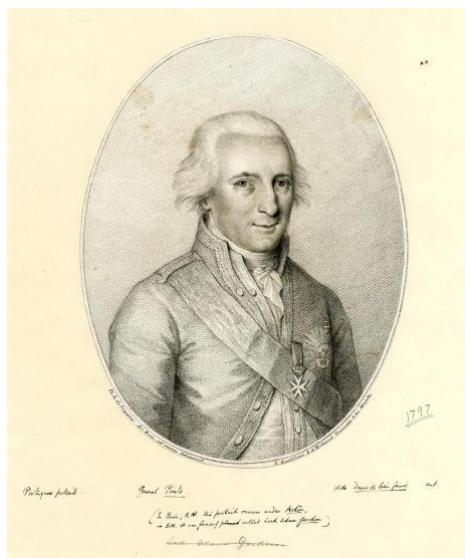


Fonte: Arquivo Municipal do Porto, disponível em: <https://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/575748/>? Acesso em: 16 jun. 2023.

2 O Colecionismo de mapas: a fabulosa mapoteca dos Balsemão

Ao longo da sua jornada profissional, como Governador, Diplomata e Ministro, Luís Pinto de Sousa Coutinho (1735-1804), o Visconde de Balsemão, montou uma imensa livraria particular, compostas por manuscritos, impressos, mapas, iluminuras e objetos, constituindo uma das maiores bibliotecas privadas em Portugal.

Figura 2: Retrato de Luís Pinto de Sousa Coutinho, o Visconde de Balsemão, D. A. de Siquiera. 1797



Fonte: British Museum. Disponível em:

https://www.britishmuseum.org/collection/object/P_1891-0414-31 Acesso em: 16 jun. 2023.

Além das obras literárias dos mais diversos períodos e estilos, a Biblioteca de Balsemão possuía uma seção especial de mapas, composta por exemplares que foram comprados, presenteados ou recolhidos ao longo da sua carreira.

Como afirma Chris Perkins (2011), os estudos “sobre o colecionismo passaram por uma guinada crítica nos últimos vinte e cinco anos.” (Perkins, 2011, p. 133) Dessa forma, foram interpretados de diversas maneiras, desde reflexos de uma cultura organizacional, a aspectos da

psicologia individual, sendo inseridos nas análises da cultura material, ou da sociedade de consumo.

De fato, como demonstram John Elsner e Roger Cardinal (1994), o colecionismo é guiado por uma série de fatores históricos que condicionam vontades individuais e coletivas e, por isso, transforma-se em uma representação das percepções coletivas da humanidade. Dessa forma, os autores definem o ato de colecionar como um impulso de classificação multidimensional.

Colecionar é a classificação vivida experimentada em três dimensões. A história do colecionismo é, portanto, a narrativa de como os seres humanos têm se esforçado para acomodar, se apropriar e estender as taxonomias e os sistemas de conhecimentos hereditários (Elsner&Cardinal, 1994, p. 2).

Indubitavelmente, Luís Pinto de Sousa Coutinho nutria apreço pela literatura, tanto em relação à obtenção, posse e aproveitamento dos livros, não sendo movido meramente por um interesse superficial. Além disso, sua atuação diplomática e política, seus interesses científico-culturais e a circunstância de possuir recursos financeiros substanciais, sem dúvida alguma, contribuíram para sustentar sua inclinação colecionista.

À primeira vista, investigar os itens que compunham a livraria de Balsemão pode parecer a forma mais direta de se aprofundar na sua formação política e científica, desvelando assim seus interesses. Todavia, isso não significa que se pode desvendar a sua atuação política somente pela análise do inventário bibliográfico. Como afirma Junia Furtado (2006), ao analisar a biblioteca do naturalista José Vieira Couto, a “formação de um homem não se dá apenas a partir de suas leituras, mas em contato com o mundo que o cerca.” (Furtado, 2006, p. 74) Por isso, não basta apenas procurar pelos itens que compunham a livraria de Balsemão, é necessário, essencialmente, compreender o contexto da formação da coleção.

Além disso, cabe evidenciar que as formas de leitura são múltiplas, afinal

a leitura é sempre um ato dinâmico e pode encetar infinitas formas de apreensão e mesmo o acesso ao rol completo de seus livros não responderiam com plenitude a esta questão, pois muitos dos livros lidos não eram os possuídos e vice-versa, isto é, nem todos os livros possuídos eram lidos. Os inventários quase nunca contemplam os livros emprestados e as leituras orais coletivas. Há ainda que salientar que as formas de leitura não são uniformes, mas sim múltiplas, e encerram infinitas significações (Furtado, 2006, p. 74).

De forma análoga, uma coleção de mapas pode parecer, à primeira vista, uma miscelânea sem sentido ou apenas um conjunto de objetos utilizados para o deleite e a fruição. Claro que os mapas podem ser entendidos como objetos de arte ou símbolos de status, podem ser pendurados na parede ou cuidadosamente guardados quando se trata de exemplares raros e cobiçados. Talvez, o aspecto mais revelador resida na pesquisa sobre os contextos, na busca por entender o porquê da aquisição de determinados mapas, quais eram seus usos e objetivos. Afinal, a “regra básica do método histórico é que os documentos só podem ser interpretados em seu contexto. Esta norma se aplica igualmente aos mapas, que devem ser levados de volta ao passado e situados estritamente em seu próprio período e lugar” (Harley, 2005, p. 63-64).

De acordo com João Carlos Garcia e André Ferrand de Almeida (2020), o surgimento das mapotecas particulares em Portugal teve relação direta com o exercício do poder colonial (militar, administrativo e econômico), sendo fundadoras as

coleções de Luís Antonio de Sousa Botelho Mourão, 4º Morgado de Mateus e Governador da Capitania de São Paulo (1765-75); Luís Pinto de Sousa Coutinho, Visconde de Balsemão, Governador de Mato Grosso (1767-1772); e Luís de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres, que também foi Governador da mesma Capitania (1772-89) (Garcia&Almeida, 2020, p. 773).

De fato, esses homens desempenharam importantes papéis políticos em capitanias do interior do Brasil que na época viveram intensas questões territoriais relacionadas com disputas por limites internos, entre capitanias, ou de ameaças externas. Os mapas eram ferramentas visuais extremamente importantes nesse sentido, mas, como ressaltam os autores, apenas uma dessas coleções foi além, ao aumentar o leque do campo geográfico de interesse. As coleções de mapas desses governadores eram compostas essencialmente por

mapas manuscritos, originais ou cópias, que representam as capitanias brasileiras governadas pelos colecionadores. A única exceção é a coleção do Visconde de Balsemão, sob a guarda da Biblioteca Pública Municipal do Porto, que contém vários importantes mapas impressos e atlas da Europa e da América do Norte, assim como mapas do norte, sul e oeste do Brasil (Garcia&Almeida, 2020, p. 773).

A diversidade da mapoteca de Balsemão “deriva das suas posições como embaixador de Portugal em Londres e Ministro dos Negócios Estrangeiros, além do importante papel que desempenhou na preparação da nova fronteira do Tratado com a Espanha em 1777.” (Garcia&Almeida, 2020, p. 773) Ou seja, a imensa quantidade de mapas, cartas, planos e atlas

que juntou ao longo da vida não eram apenas resultado de sua curiosidade, eram, de fato, importantes ferramentas de trabalho, aos quais recorria para conhecer os lugares, áreas ou territórios; para planejar e organizar as ações de governança e para delimitar os limites e fronteiras, internos e externos.

Conforme destaca Ana Sofia Coutinho (2012), em sua análise sobre os mapas franceses da coleção, a provável utilização desses mapas pelo Visconde de Balsemão nos permite obter uma compreensão mais completa da cronologia abrangente desses mapas antigos. Isso ocorre porque sua coleção foi formada por meio da coleta de material cartográfico contemporâneo aos eventos políticos que ele testemunhou, porém não se limitou a eles.

Foram igualmente adquiridos alguns mapas de períodos anteriores em que Portugal fora envolvido em conflitos importantes: a Guerra dos Sete Anos, e a Guerra de Sucessão de Espanha no início do século XVIII. De facto, as questões diplomáticas exigiam o conhecimento das áreas territoriais em períodos anteriores e da evolução dos seus limites através dos sucessivos tratados assinados (Coutinho, 2012, p. 23).

Desde o início de sua trajetória profissional, Balsemão reconheceu a importância dos mapas como recursos visuais essenciais para compreender o passado, analisar o presente e planejar o futuro. Ele percebia os mapas como elementos integrantes de um amplo sistema de comunicação sobre o espaço e o tempo, os mapas não eram apenas artefatos de curiosidade e deleite, mas sim ferramentas cruciais para adquirir conhecimento e erudição. Portanto, a compilação de mapas desempenhou um papel fundamental em sua vida política.

Ao consultar sua extensa coleção, Balsemão tinha a oportunidade de observar o teatro político europeu e americano e assim embasar suas decisões. Essa postura deve muito à influência do embaixador português Dom Luís da Cunha (1662-1749), que desde o início do século XVIII destacava a importância da conexão entre uma base cartográfica substancial e a habilidade dos diplomatas, secretários e até mesmo do Rei, em visualizar objetivamente os territórios, solucionando dúvidas ou disputas

Foi a Guerra de Sucessão Espanhola (1702-1714) e suas consequências nos territórios portugueses que levou Dom Luís da Cunha a defender a “necessidade de construir uma base cartográfica sólida que permitisse a Portugal tomar a dianteira perante a Espanha no processo de negociação das suas fronteiras na América.” (Furtado, 2011, p. 70) Essa abordagem estava

alinhada com a convicção do embaixador de que os mapas constituíam uma ferramenta significativa de persuasão política, tanto no contexto das negociações diplomáticas quanto nas guerras que as antecedem. Dom Luís da Cunha reconhecia a capacidade dos mapas como uma arma importante para influenciar o cenário político, uma perspectiva que Balsemão incorporou em suas práticas, percebendo o valor estratégico desses elementos cartográficos

Dessa forma, constituir uma mapoteca era essencial para aqueles que trabalhavam diretamente na administração régia, quer seja adquirindo mapas ou mesmo fomentando sua construção. Foi com isso em mente que Dom Luís da Cunha desenvolveu uma intensa colaboração cartográfica com o geógrafo francês Jean-Baptiste Bourguignon d'Anville (1697-1782). “Foi com o objetivo de que a cartografia auxiliasse e dirimisse de vez as contendas de limites na América” (Furtado, 2012, p. 506) que Dom Luís da Cunha contribuiu com D'Anville na produção da *Carte de l'Amérique méridionale* (Figura 3), cuja primeira publicação é de 1748.

Tudo indica que Balsemão compartilhava desse mesmo anseio. A relação que estabeleceu com os mapas estava intrinsecamente ligada à “visão iluminista de que os mapas deveriam ser espelhos perfeitos do território”. (Furtado, 2012, p. 513) Quando chegou à Vila Bela da Santíssima Trindade para ser Governador e Capitão General da Capitania do Mato Grosso, em 1769, ficou perplexo com a discrepância entre a realidade da expedição que fez pelos rios Amazonas, Madeira e Guaporé e a representação de seus cursos nos mapas do século XVIII. Os mapas até então disponíveis apresentavam muitas lacunas e erros que, segundo Balsemão, escondiam a verdadeira geografia do rio Madeira. Neste caso, somente o mapeamento feito através da coleta de dados empíricos seria capaz de resolver o problema.¹

Na primeira metade do século XVIII, o reinado de Dom João V (1689-1750) foi marcante no colecionismo de mapas, que se materializou na construção do acervo da sua biblioteca e no fomento de outras pelo reino.

A biblioteca régia teve o objetivo de reunir livros, estampas, gravuras, mapas, instrumentos científicos e tudo o mais que fosse necessário ao

¹ AHU-MT, CU10,Cx.13, Doc.829. 1769, Janeiro, 20, Vila Bela. Ofício de Luís Pinto de Sousa Coutinho a Francisco Xavier de Mendonça Furtado em que envia notícias mais circunstanciada da navegação do rio Madeira e dos mais que se lhe unem, e um conhecimento das observações que fez durante a sua viagem.

desenvolvimento do conhecimento humano. Mas também visou demonstrar publicamente a importância que o monarca, como grande mecenas que era, dedicava ao conhecimento e à cultura das Luzes, comportamento típico dos reis ilustrados da época. A biblioteca do Paço não foi a única iniciativa nesse sentido, dom João V criou outras bibliotecas e ampliou algumas já existentes, com vistas à modernização e ao progresso do reino (dois conceitos estruturantes da visão de mundo iluminista). (Furtado, 2013, p.95)

Figura 3: Exemplar da *Carte de l'Amérique méridionale* de Jean-Baptiste Bourguignon d'Anville, que pertenceu à Balsemão



Fonte: Biblioteca Municipal Pública do Porto, C-M&A-P.25(58)

Na primeira metade do século XVIII, o reinado de Dom João V (1689-1750) foi marcante no colecionismo de mapas, que se materializou na construção do acervo da sua biblioteca e no fomento de outras pelo reino.

A biblioteca régia teve o objetivo de reunir livros, estampas, gravuras, mapas, instrumentos científicos e tudo o mais que fosse necessário ao desenvolvimento do conhecimento humano. Mas também visou demonstrar publicamente a importância que o monarca, como grande mecenas que era, dedicava ao conhecimento e à cultura das Luzes, comportamento típico dos reis ilustrados da época. A biblioteca do Paço não foi a única iniciativa nesse sentido, dom João V criou outras bibliotecas e ampliou algumas já existentes,

com vistas à modernização e ao progresso do reino (dois conceitos estruturantes da visão de mundo iluminista) (Furtado, 2013, p. 95).

No processo de aquisição das obras para a biblioteca real, os embaixadores desempenharam um papel essencial, pois era principalmente através deles que o Rei adquiria os clássicos e as publicações mais recentes. Isso porque os embaixadores portugueses na Europa eram muito bem relacionados e normalmente faziam parte dos ciclos ilustrados dos países em que residiam. Nesse sentido, além de despacharem as obras solicitadas pelo Rei, também enviavam suas próprias sugestões, além de aproveitarem para constituir suas próprias bibliotecas. No contexto das expedições demarcatórias dos tratados de Madri (1750) e Santo Ildefonso (1777), por exemplo, os embaixadores foram os grandes responsáveis pela aquisição dos instrumentos matemáticos e obras de geografia necessários ao levantamento empírico dos territórios limítrofes.

Nesse sentido, como um típico *savant* iluminista, Balsemão tinha em sua biblioteca a representação de seu refinado gosto. “Mas de que se tratava o gosto? Para os iluministas, à medida que o século XVIII avançava, tratava-se de um novo sentimento, que aos poucos se instituiu e abrangia todos os campos da arte, da literatura, da ciência e por extensão da cartografia.” (Furtado, 2013, p.97-100) Dessa forma, procurou constituir uma mapoteca enciclopédica, que possuía desde pequenos mapas manuscritos, que representavam rios do interior do Brasil, até obras raras e caras, como os Atlas de Georgius Braun (1541-1622) e os de Abrahamus Ortelius (1527-1598).

3 Um mecenas cartográfico

De fato, o processo colecionista de Balsemão estava inserido em um contexto mais amplo que Charles Withers (2007) chama de “geografia do Iluminismo”. Afinal o percurso transatlântico do Visconde – Portugal, Brasil, Inglaterra, Portugal – desempenhou decisiva influência na sua relação com os mapas. Segundo Withers (2007, p. 9), as interações entre as ideias, pessoas e artefatos, juntamente com sua circulação pelo espaço, foi crucial para a formação do movimento intelectual iluminista. Nesse contexto, os mapas e sua intrínseca conexão com o conhecimento geográfico destacavam-se como uma das atividades e áreas de pesquisa mais fascinantes para os iluministas.

Nesse sentido, os espaços de discussão como as academias, as sociedades e os saraus constituíram-se em importantes locais de compartilhamento de informações. Eram nesses locais que os integrantes da República das Letras discutiam sobre os mapas, seus métodos e seus impactos. A *Académie Royale des Sciences* de Paris, por exemplo, foi espaço de discussão para inúmeros cartógrafos, como Guillaume Delisle (1675-1726) e D'Anville, que, por meio dela, apresentavam seus mapas ao público *savant* e explicavam seus métodos de coleta de informações e de técnicas cartográficas, submetendo-se à crítica de seus pares.

Frequentemente, essas apresentações extrapolavam os limites da Academia, impactando as políticas estatais. Foi o caso de Delisle, o primeiro geógrafo do Rei da França. Em 1720, na *Académie Royale des Sciences* de Paris, ele apresentou uma memória geográfica assentada em medidas recentes de longitudes, utilizando novas técnicas de medição baseadas nos eclipses dos satélites de Júpiter. O mapa elaborado a partir dessas medições teve um impacto significativo nas pretensões territoriais portuguesas no além-mar. Entre as várias mudanças na configuração geográfica dos continentes, decorrentes do reposicionamento dos meridianos, Delisle propôs um novo traçado para o meridiano de Tordesilhas. Tais modificações implicavam em reordenamentos significativos em regiões disputadas como o Cabo Norte e a Colônia do Sacramento na América do Sul e as Ilhas Molucas no Oceano Índico. Claro, que tal reconfiguração coadunava com os interesses franceses nessas regiões (Furtado, 2012, p. 304).

A partir daquele momento, a Coroa portuguesa percebeu que deveria se manter atenta aos desenvolvimentos da cartografia e nas implicações políticas que encetava. Novamente, Dom Luís da Cunha teve papel fundamental, pois iniciou um processo de cooperação cartográfica a fim de usar a expertise internacional a favor dos interesses lusitanos.

Aparentemente, seguindo essa mesma lógica, Balsemão aproveitou sua estadia em Londres, como Ministro Plenipotenciário de Portugal, para se inserir no circuito iluminista e, dessa forma, estabelecer contatos que pudessem ser utilizados como propagadores dos interesses portugueses. A cooperação que estabeleceu com escritores, como William Robertson (1721-1793) e o Adade Raynal (1713-1796), são as mais conhecidas e estudadas, sendo essa última a que vêm recebendo a maior quantidade de estudos monográficos, que buscam

esclarecer como Balsemão contribuiu para a obra de Raynal e quais foram as suas influências diretas que podem ser identificadas na *Histoire de deux Indes*.

Todavia, Balsemão também estabeleceu intensas colaborações para a produção de mapas que fossem de seu interesse profissional e que, conseqüentemente, também poderiam alicerçar os interesses da Coroa. Ao longo de sua carreira, o seu colecionismo de mapas esteve diretamente ligado às suas funções na administração régia. Porém não se conteve apenas em adquirir mapas, também foi um mecenas, apoiando a sua produção.

O apoio de Balsemão chegou a William Faden, um dos principais geógrafos e editores de mapas do século XVIII. Com o incentivo e a colaboração direta de Balsemão, Faden pode, em conjunto com seu geógrafo Louis S. de la Rochette, elaborar um monumental mapa da América do Sul (Figura 4).

Colombia Prima foi o primeiro mapa publicado no alvorecer do século XIX que continham um resumo das principais controvérsias políticas relacionadas à demarcação de fronteiras que ocorreram no século anterior. A originalidade residia naquilo que Faden denominou de habilidade de “descrever a extensão do conhecimento deste continente, extraído principalmente de mapas manuscritos originais”. Em outras palavras, mesmo sem deixar sua editora de mapas em Londres, localizada na rua *Charing Cross*, Faden estabeleceu com grande precisão as fronteiras existentes naquela época entre as colônias portuguesa, espanhola, francesa e holandesa. Tudo isso graças ao acesso exclusivo a informações inéditas sobre o continente, que lhe foram fornecidas por Balsemão.

Entre as atribuições do Visconde, enquanto Ministro Plenipotenciário, estava a defesa da colonização portuguesa, nesse sentido cooptar a comunidade *savant*, contribuindo com obras que destacavam o colonialismo português era fundamental. Aparentemente, essa estratégia se manteve mesmo após a volta de Balsemão para Portugal em 1784 para integrar o gabinete da Rainha Dona Maria I (1734-1816).

Ao longo de todo esse período, Balsemão manteve-se como um ativo colecionador de mapas, participando inclusive de leilões oferecidos pela Biblioteca Britânica.

Figura 4: Mapa *Colombia Prima or South America*, publicado por William Faden em 1807, contou com a colaboração do Visconde de Balsemão



Fonte: British Library, K. Top.124.14.2.

4 Conclusões

Cabe ressaltar que não se conhece nenhum catálogo ou inventário da livraria feito pelo próprio Balsemão. O documento oficial que revela o que restou da coleção original foi o inventário judicial feito por seu neto, Luís José Alexandre Pinto de Sousa Coutinho (1800-1852), em 1846, com o intuito de receber a devida indenização pelo seu sequestro, encetado pelo Estado português (Costa, 2012, p. 145).

Antes, porém, a livraria já havia sido saqueada pelos franceses, no contexto da invasão do exército de Napoleão. De qualquer forma, a listagem é incompleta, pois só levou em consideração os itens de maior valor, majoritariamente livros impressos (cerca de 3500 itens). Atualmente, a Coleção Balsemão totaliza 278 códices, constituídos de livros impressos, manuscritos, e muitos dos 420 mapas, cartas e plantas que constituem a mapoteca da Biblioteca Pública Municipal do Porto. Como afirma Júlio Costa (2012), “um estudo aprofundado da Livraria Balsemão está ainda por fazer e justificaria por si só, até pela sua dimensão quantitativa e qualitativa, um labor biblioteconômico e acadêmico de expressivo fôlego” (Costa, 2012, p. 146).

A tentativa de reconstituir quais mapas compunham originalmente a coleção de Balsemão não é objetivo deste trabalho. De fato, tal tarefa se mostra impossível pela falta de um inventário ou de uma listagem feita pelo próprio Balsemão e por conta das inúmeras perdas, extravios e roubos que a coleção sofreu ao longo dos séculos. Além disso, a Biblioteca Pública Municipal do Porto passou por várias remodelagens, que incluíram aquisição e venda de itens, incorporação de outras coleções particulares, como as de Almeida Garrett (1799-1854) e de Pedro Augusto Dias (1835-1932), além dos acervos de várias bibliotecas de ordens religiosas que foram extintas.²

O objetivo deste texto foi ressaltar o valor dos mapas para o Visconde de Balsemão. Sua coleção de mapas foi fundamental em sua vida política, permitindo-lhe embasar suas decisões e visualizar os territórios de forma objetiva. Essa perspectiva foi influenciada pelo embaixador português Dom Luís da Cunha, que defendia a importância de uma base cartográfica sólida para as negociações diplomáticas e guerras. Por isso, também procurou fomentar a construção de mapas, apoiados na expertise estrangeira, para ressaltar os interesses globais portugueses.

Em suma, a história da Biblioteca dos Balsemão e a coleção de mapas do Visconde de Balsemão são reflexos de um período conturbado da história de Portugal e evidenciam a

² A progressão do movimento liberal em Portugal levou a extinção das Ordens Religiosas em 1834 e a incorporação de seus acervos bibliográficos pelas novas bibliotecas públicas reais. A Real Biblioteca Pública do Porto incorporou os acervos de 9 ordens religiosas, além do acervo do Bispo do Porto D. João de Magalhães e Avelar (1754-1833).

importância do conhecimento e das ferramentas visuais para a atuação política e governamental. A preservação desses acervos torna-se fundamental para a compreensão da cultura e da história do país, permitindo-nos explorar as conexões entre a coleção privada de um indivíduo e o contexto histórico mais amplo.

Referências:

AHU-MT, CU10, Cx.13, Doc.829. 1769, Janeiro, 20, Vila Bela. Ofício de Luís Pinto de Sousa Coutinho a Francisco Xavier de Mendonça Furtado em que envia notícias mais circunstanciada da navegação do rio Madeira e dos mais que se lhe unem, e um conhecimento das observações que fez durante a sua viagem.

ALVES, Daniela; BARBOSA, Hélder e PINTO, Jorge R. O potencial do turismo militar para a cidade do Porto: o caso da segunda invasão francesa. *Revista Científica do ISCET: Percursos & Ideias*, nº7, 2ª série, pp.22-34, 2016.

BALBI, Adriano. 1822. *Essai statistique sur le royaume de Portugal et d'Algarve: comparé aux états de l'Europe, et suivi d'un coup d'oeil sur l'état actuel des sciences, des lettres et des beaux-arts parmi les Portugais des deux hémisphères*. Tome Second. Paris, Chez Rey et Gravier.

COSTA, Júlio M.R. 2012. Alguns livros científicos (séc.XVI e XVII) no “inventário” da Livraria dos Viscondes de Balsemão. *Ágora. Estudos Clássicos em Debate*. n. 14.1: 131-158.

COUTINHO, Ana S.A. 2009. Imagens de França do século XVIII através da Coleção Cartográfica do Visconde de Balsemão. *Revista da Faculdade de Letras, História*, Porto, III Série, vol. 10: 17-27.

ELSNER, John & CARDINAL, Roger (Eds) 1994. *The Cultures of Collecting*. Harvard University Press.

FURTADO, Junia F. Sedição, heresia e rebelião nos trópicos: a biblioteca do naturalista José Vieira Couto. 2006. In: DUTRA, Eliana F. & MOLLIER, Jean Y. (Org.). *Política, Nação e Edição: o lugar dos impressos na construção da vida política, Brasil, Europa e América nos séculos XVIII-XIX*. Belo Horizonte, Annablume. p.69-86.

FURTADO, Junia F. 2011. Guerra, diplomacia e mapas: a Guerra da Sucessão Espanhola e a América portuguesa na cartografia de D'Anville”. *Topoi*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 23, jul.-dez.: 66-83.

FURTADO, Junia F. 2012. *Oráculos da geografia iluminista: Dom Luís da Cunha e Jean Baptista Bourguignon d'Anville na construção da cartografia do Brasil*. Belo Horizonte, UFMG.

FURTADO, Junia F. 2013. *O mapa de inventou o Brasil*. Rio de Janeiro, Versal.

GARCIA, J. C. & ALMEIDA, A. F. de. Map Collecting in Portugal. 2020. In: EDNEY, M. e PEDLEY, M.S (Org). *The History of Cartography. Volume 4: Cartography in the European Enlightenment*. Chicago&London, The University of Chicago Press.

HARLEY, John B. 2005. *La Nueva Naturaleza de los Mapas. Ensayos sobre la historia de la cartografía*. México, FCE.

LEITE, Isabel P. Livres como livros. 2015. *CEM-Cultura, Espaços & Memória*, n. 5: 311-323.

PERKINS, Chris. 2011. Map Collecting Practices. In: RUAS, Anne. (ed.) *Advances in Cartography and GIScience*. Vol I. Selections from ICC 2011, Paris. London, Springer Heidelberg Dordrecht. p.133-146.

WIGEN, Karen e WINTERER, Caroline (ed.). 2020. *Time in Maps: from the Age of Discovery to our Digital Era*. Chicago&London, The University of Chicago Press.

WITHERS, Charles W. J. 2007. *Placing the Enlightenment: Thinking Geographically about the Age of Reason*. Chicago, The University of Chicago Press.